



FACULDADE CESMA DE MARACANAÚ
DEPARTAMENTO DE GRADUAÇÃO
CURSO LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

YURI FERREIRA DOS SANTOS

TRANSTORNOS NA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA
EM SALA DE AULA

MARACANAÚ- CEARÁ
2022

YURI FERREIRA DOS SANTOS

**TRANSTORNOS NA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA
EM SALA DE AULA**

Trabalho de Conclusão de curso para a aprovação do TCC
apresentado a Faculdade Cesma de Maracanaú -
FACESMA, como requisito parcial para a obtenção de nota.

Orientador (a): Dra. Carla Poennia Soares Gadelha

**MARACANAÚ- CEARÁ
2022**

TRANSTORNOS NA APRENDIZAGEM DE LEITURA E ESCRITA EM SALA DE AULA¹

Yuri Ferreira dos Santos²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivos abordar as diferenças entre dificuldades e transtornos de aprendizagem dentro do ambiente escolar, conhecer a questão do letramento, bem como as possíveis causas do fracasso escolar de acordo com a conduta do aluno e professor, abordará as possibilidades de intervenções para superação das dificuldades de aprendizagem na leitura e escrita. Desse modo, propomos uma investigação sobre como as referidas práticas têm sido concretizadas em sala de aula. Partindo do entendimento de que a leitura e a escrita se constituem importantes canais de comunicação entre os sujeitos, e, na medida em que uns sabem ler e escrever, e outros não, se cria uma relação de desigualdade. Para delimitar esse processo pesquisamos os meios de aprendizagem de leitura e escrita e suas inferências, quando há algo que impeça ou venha estorvar essa aquisição. Observamos a responsabilidade da escola no fornecimento de acesso igual para a aquisição do sistema de leitura e escrita, levando em conta a relevância da valorização da capacidade comunicativa que cada indivíduo possui e também o respeito à diversidade cultural que irá desencadear variadas interpretações do objeto de estudo. O referido estudo se caracteriza por uma revisão bibliográfica que permitiu um melhor entendimento do objeto da investigação, visando apresentar os conceitos e definições que nos cedeu os subsídios indispensáveis para a caracterização de teorias, hipóteses e conclusões já alcançadas por outros autores como Vygotsky (1989), Souza (1996), Fernandez (1990), Strick, C. e Smith, L (2001), Soares (2003), Ferrero, e Teberosky (1985), Weiss (2009), Cruz (2013).

Palavras-Chaves

Letramento. Transtorno de aprendizagem. Dificuldade de aprendizagem. Fracasso escolar.

INTRODUÇÃO

O referido estudo se caracteriza por uma revisão bibliográfica que permitiu um melhor entendimento do objeto da investigação, visando apresentar os conceitos e definições que nos cedeu os subsídios indispensáveis para a caracterização de teorias, hipóteses e conclusões já alcançadas por outros autores.

O aprendizado escolar é considerado um processo natural das crianças, mas há muitos alunos que têm inúmeras dificuldades com relação à leitura e à escrita. O estudo do processo de aprendizagem bem como suas dificuldades tem que ser analisado de início com base na realidade do aluno, usando campos do conhecimento e de maneira global entender a condição do sujeito que vem a ter dificuldades em leitura e escrita.

¹ Trabalho de conclusão de curso Pedagogia – FACESMA

² Graduando Pedagogia - FACESMA.

A aprendizagem e a construção do conhecimento são consideradas processos naturais do ser humano, que desde cedo aprende a mamar, a comunicar-se, andar, pensar, vindo assim garantir a sua sobrevivência.

Com 36 meses, as crianças já são capazes de construir suas primeiras hipóteses e já começam a argumentar sobre a existência. A aprendizagem escolar também é tida como um processo natural, resultante de uma complexa atividade da mente, em que o pensamento, a percepção, as emoções, a motricidade, a memória e os conhecimentos prévios estão envolvidos e a criança venha a sentir o prazer na aprendizagem. O tema do processo de aprendizagem humana e as suas dificuldades é concebido pela Psicopedagogia, tendo-se em conta as existências internas e externas, valendo-se de vários campos de conhecimento, se integrando e se compactando.

Atualmente as políticas educacionais estão priorizando a educação para todos e a inclusão de alunos que há pouco tempo eram excluídos do sistema escolar por possuírem deficiências físicas ou cognitivas, porém, muitos alunos que no decorrer do tempo vinham apresentando dificuldades de aprendizagem e estavam propensos ao fracasso escolar estão frequentando as escolas, sendo rotulados como alunos difíceis.

Raramente as dificuldades de aprendizagem têm origem apenas cognitiva, atribuindo ao aluno o seu fracasso, considerando que tenha algum comprometimento no seu desenvolvimento psicomotor, linguístico ou emocional, a falta de estrutura na família, as condições de aprendizagem que as escolas oferecem aos alunos, bem como outros fatores intraescolares que favorecem a não aprendizagem. As dificuldades de aprendizagem nas escolas podem ser consideradas como uma das causas que levam os alunos ao fracasso escolar.

Consideramos que o fracasso dos alunos também pode ser compreendido como um fracasso da escola, quando a instituição não sabe lidar com a diversidade de seus discentes. É necessário que o professor fique atento às diferentes maneiras de ensinar, visto que também há muitas maneiras de aprender. O professor deve ser consciente da relevância da criação de vínculos com seus alunos mediante as atividades do dia a dia, construindo e reconstruindo sempre novos vínculos que sejam mais fortes e positivos. O aluno ao notar que apresenta dificuldades em sua aprendizagem, pode apresentar desinteresse, falta de atenção, irresponsabilidade, agressividade, dentre outros. Estes reveses vêm acarretar sofrimentos, só que nenhum aluno apresenta um baixo rendimento por desejo próprio.

A relação docente-discente torna o aluno capaz ou incapaz. Se o professor o tratar como inábil, o estudante não será bem-sucedido, não admitindo a sua aprendizagem bem como o seu desenvolvimento. Se o professor se mostrar despreparado para enfrentar o problema apresentado, haverá mais chances dele transferir suas dificuldades para os alunos. Os primeiros a ensinarem

são os progenitores, com eles aprendem-se as primeiras interações que no transcorrer do desenvolvimento são apuradas. Essas relações irão influenciar de forma considerável no poder de produção destes sujeitos. Faz-se necessário uma dinâmica familiar muito saudável, uma relação prosaica de vínculos e cooperação, alegria e motivação. Existe também uma necessidade de direção aos alunos, famílias e professores, para que, atrelados, busquem orientações para entender como lidar com alunos/filhos que apresentam dificuldades ou que fogem ao modelo, buscando a intervenção de um profissional especializado.

As crianças são descobridoras e querem aprender, todavia, às vezes sua inquietação e inaptidão de prestar atenção vêm tornar difícil a explicação de alguns conteúdos. Elas contêm boas intenções, no que tange a deveres e atividades de casa, mas no meio das tarefas se esquecem das instruções e dos objetivos. De acordo com o “DSM-IV: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais” (1995), o desrespeito e baixa autoestima estão associados às dificuldades de aprendizagem. A criança que tem dificuldades de aprendizagem na maioria das vezes é rotulada como “perturbada”, incapaz ou “retardada”. Vygotsky (1989) vem afirmar que o auxílio dado à criança dentro de suas atividades de aprendizagem é válido, visto que aquilo que a criança faz hoje com o auxílio de um adulto ou de outra criança maior em um futuro estarão fazendo sozinha. Desta maneira, o autor vem enfatizar o valor que a interação e as relações sociais têm dentro do processo de aprendizagem.

Souza (1996) afirma que os fatores relacionados ao sucesso e ao fracasso acadêmico vêm se dividir em três variáveis que estão interligadas, denominadas de ambiental, psicológica e metodológica. A pesquisadora afirma que em respeito do fracasso institucional, devido à inadequação para a aprendizagem, os alunos são envolvidos por emoções como inferioridade, frustração e perturbação emocional, o que torna sua autoimagem extinguida, sobretudo se este sentimento já estiver alojado em seu ambiente de origem.

Segundo Fernandez (1990), depois que o fracasso escolar se aloja, todos os profissionais (psicólogos, fonoaudiólogos, pedagogos, psicopedagogos), necessitam realizar uma intervenção, auxiliando mediante recomendações adequadas. Os respectivos autores, Strick e Smith (2001), dizem que o rigor em sala de aula para as crianças que têm dificuldades de aprendizagem é funesto. Para que cheguem a evoluir, tais estudantes devem ser incentivados a trabalhar no seu próprio estilo. Se forem colocados com professores inflexíveis sobre tarefas e testes, ou que utilizam materiais ou métodos que não são próprios para as suas necessidades, eles serão reprovados.

Deste modo, este trabalho irá referenciar os principais fatores que vem intervir no processo de aprendizagem no começo da vida escolar e quão grandemente as dificuldades na

leitura e escrita, que ocorrem desde o século XX, podem ser suavizadas e extirpadas, levantando dessa forma as possíveis causas para os problemas cognitivos.

REVISÃO DE LITERATURA

Dialogar sobre o tema proposto do seguinte trabalho aborda teorias essenciais para entendimento da criança como ser em desenvolvimento, bem como uma consolidação de resultados mediante intervenções psicopedagógicas. Teorias descritas posteriormente enfocando nas análises que alicerçaram a fundamentação deste artigo.

Scoz (1994) menciona vários fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem:

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem às causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações (Scoz, 1994. P 113).

A leitura e escrita são processos bastante complexos e as dificuldades podem acontecer de várias maneiras. Também temos a aquisição da leitura e escrita como fator principal que beneficia os conhecimentos futuros, é um instrumento essencial, em que serão alicerces para outras aquisições.

O seguinte trabalho traz também abordagens sobre o letramento com base nas concepções de Soares (2002) que afirma que o letramento passou a ser mais bem compreendido e claro a partir da década de 1980, mediante estudos sobre a língua escrita, que trouxeram aos educadores a compreensão de que a alfabetização está longe de ser apenas uma apropriação de códigos, mas vem envolver um processo de elaboração de hipóteses e representação linguística.

Confabular a respeito de mediações e intervenções é um pouco imprescindível falar de Weiss. Sua abordagem retrata como as dificuldades devem ser vistas e realizadas.

Dialoga sobre a dificuldade de aprendizagem que sempre deve ser vista na perspectiva da plurianualidade (WEISS, 2009), mesmo que, em uma avaliação psicopedagógica feita por um profissional qualificado, seja possível realizar a identificação de algumas causas principais dentre uma série de fatores que vem consistir em obstáculos ao processo de aprendizagem.

Findando as referências teóricas fundamentadas no presente trabalho, apontamos a abordagem de Fernández. Ele afirma que no processo de desenvolvimento da escrita: alguns ‘erros’ consistem, na realidade, em características da evolução da escrita. Torna-se relevante analisar como acontecem, há quanto tempo, em quais contextos. A linguagem escrita, em seus primitivos estágios de desenvolvimento, se apoia na linguagem oral. Isto não vem dizer que a

escrita seja a transcrição da fala oral, são códigos que se diferenciam, contato a escrita, de início, é caracterizada por traços da oralidade.

RESULTADO E DISCUSSÃO

Transtorno de aprendizagem ao longo da história

Baseado em estudos que foram realizados sobre o tema “Dificuldades de Aprendizagem em leitura e escrita nas séries iniciais”, o contexto da história da educação e o desenvolvimento pedagógico dos discentes até o começo do século XX as dificuldades de aprendizagem em leitura e escrita eram tidas como anormalidades.

Na década de 1930, as dificuldades de aprendizagem eram atribuídas a desajustes de emoção e a criança que apresentava dificuldade era considerada como uma criança problemática.

O ‘Teste ABC’, criado por Lourenço Filho em 1925 mediante pesquisas que foram feitas na escola-modelo anexa à Escola Normal de Piracicaba, vem exemplificar essa mentalidade. Seu objetivo era fazer a medição da maturidade para a aprendizagem da leitura e escrita, vindo permitir a caracterização da maturidade educacional.

Os discentes que viessem mostrar capacidade de identificação e escrita de palavras contidas em certo grupo de objetos e viessem a ter habilidade motora para a realização de desenhos geométricos eram classificados como maduros. O ‘ABC’ foi o principal instrumento utilizado para a seleção de alunos aptos a frequentarem a escola, tendo sido aplicado de forma ampla nas escolas do Rio de Janeiro e São Paulo a partir do ano de 1928 e nas décadas seguintes (Dávila, 2003).

Na década de 1960, as causas do fracasso escolar estavam atribuídas apenas a fatores orgânicos e psicológicos. Como consequência, a criança tinha que ser encaminhada somente aos profissionais com qualificação na área. Na década de 1970, estudiosos americanos afirmavam que as dificuldades de aprendizagem decorriam das condições ruins de vida do indivíduo vindo atribuir a maior responsabilidade da educação para a escola.

Nas décadas de 1980 e 1990, mediante pesquisas e trabalhos realizados no mundo inteiro, foi concluído que os erros estão nas unidades educacionais, incluindo professores, unidades do sistema governamental bem como projetos mal elaborados que eram inseridos dentro da proposta educacional.

Nos dias atuais inúmeros profissionais da educação confundem o quadro de transtorno de aprendizagem com dificuldades de aprendizagem.

Diferença entre transtorno e dificuldade de aprendizagem

Os transtornos de aprendizagem abrangem a falta de habilidade específica como: leitura, escrita ou matemática em indivíduos que apresentam resultados abaixo do esperado para o nível de desenvolvimento em que eles estão inseridos. Originam-se de distúrbios na interligação de informações em variadas regiões do cérebro, em que podem ter aparecido ainda na gestação. Dentre os transtornos de aprendizagem, o que é mais grave é o transtorno de leitura e escrita.

A construção cerebral do embrião é um fator de relevância que vem colaborar para o processo de aquisição, dependência e atribuição de significado às informações, mais especificamente da aprendizagem. Assim sendo, qualquer fator que altere o desenvolvimento do cérebro do feto facilita o aparecimento de um quadro de Transtorno de Aprendizagem, que provavelmente só vai ser identificado no momento em que a criança precisar expressar suas habilidades intelectuais na fase escolar.

Existem fatores na sociedade que também são determinantes na manutenção dos problemas de aprendizagem, dentre eles, o ambiente da escola e o contexto da família são os mais relevantes componentes desses fatores.

Scoz menciona vários fatores que contribuem para as dificuldades de aprendizagem: [...]

Os problemas de aprendizagem não são restringíveis nem às causas físicas ou psicológicas, nem a análises das conjunturas sociais. É preciso compreendê-los a partir de um enfoque multidimensional, que amalgame fatores orgânicos, cognitivos, afetivos, sociais e pedagógicos, percebidos dentro das articulações (Scoz 1994).

A leitura e escrita são processos bastante complexos e as dificuldades podem acontecer de várias maneiras. Além disso, trazemos a aquisição da leitura e escrita como fator imprescindível que favorece os conhecimentos futuros, é uma ferramenta eficaz, que serão alicerçadas nas outras aquisições.

É o suporte das relações interpessoais, para o convívio e leitura de seu mundo interno e externo. Uma criança em que sua alfabetização não tenha realmente sido solidificada, poderá se tornar frustrada frente à educação formal, apresentará déficit em todo o seu processo evolutivo de aprendizagem, apresentará também baixo rendimento escolar e aos poucos sua autoestima estará minada, vindo poder manifestar ações reativas de comportamento antissocial, e levá-la a um desinteresse e, inúmeras vezes, até à evasão escolar. O problema também pode decorrer de outros aspectos secundários que irão acabar se tornando mais graves do que os que já existiam que produziram a ineficiência da alfabetização.

Uma pessoa é realmente alfabetizada, não somente quando de forma mecânica decodifica sons e letras, ou seja, quando consegue transpor os sons para as letras (quando escreve) e das letras para os sons (quando lê), mas de maneira efetiva, ou seja, quando estiver automatizando o processo, sem a necessidade de recorrer a todo o momento aos passos necessários a essa atividade. E, sobretudo quando puder usar esta habilidade para a obtenção de outros conhecimentos, para a assimilação e montagem de esquemas internos que venham permitir a transformação dos elementos brutos da realidade e que possa operacionalizar o processo contínuo de sua própria alfabetização e da aprendizagem.

Nesse estudo estamos analisando a relevância de se estabelecer uma diferenciação entre o que é uma dificuldade de aprendizagem e o que é um quadro de Transtorno de Aprendizagem. Várias crianças em fase escolar apresentam algumas dificuldades na realização de tarefas, que podem aparecer por vários motivos, como problemas na proposta pedagógica, na capacitação do docente, problemas na família, dentre outros. O feitiço de uma dificuldade de aprendizagem não vem aludir de certa forma em um transtorno, que se manifesta por um compilado de sinais sintomatológicos que vem constitui-se em uma série de perturbações no processo de aprendizagem do sujeito, vindo interferir no processo de aquisição e manutenção de conhecimento.

LETRAMENTO

Definição

Segundo Magda Becker Soares a definição de letramento: Letrar designa uma prática da qual a compreensão e assimilação de código de palavras se torna mais bem assimilado: Já não basta aprender a ler e escrever é necessário mais que isso para ir além da alfabetização funcional, denominada a pessoas que foram alfabetizadas, mas não sabem fazer uso da leitura e da escrita (Soares, 2003).

No Brasil, é comum as pessoas sentirem dificuldades de leitura embora já estejam alfabetizadas. As pessoas não fazem da leitura um objeto de entendimento, de interpretação, dessa maneira, muitas têm dificuldades e ainda afirmam não saberem preencher uma ficha de trabalho, por não compreenderem o que se pede.

Segundo Soares (2002), o letramento passou a ser mais bem compreendido e claro a partir da década de 1980, mediante estudos sobre a língua escrita, que trouxeram aos educadores a compreensão de que a alfabetização está longe de ser apenas uma apropriação de códigos, mas envolve um processo de elaboração de hipóteses e representação linguística.

A presença de um fracasso escolar em massa o fato de este ter sido visto como natural até um certo tempo atrás e fraco desenvolvimento desse quadro em quarenta anos, vêm corroborar como vem sendo árduo o ensinamento aos brasileiros que dependem da rede pública de ensino. Várias pesquisas de campo demonstram a grande dificuldade que os educadores sentem para avaliar se os alunos já sabem e o que eles ainda não sabem. Aqueles que produzem escritas silábico-alfabéticas e alfabéticas no 1º Ano e que viriam a ter condições de acompanhar o 2º Ano, visto que podem ler e escrever, ainda que de forma precária, são retidos. Por outro lado, os capazes de boas cópias e os que têm caligrafia bonita ou caderno bem-acabado são promovidos.

Quando se trabalha com esse tipo de indicador até avanços na aprendizagem acabam sendo prejudiciais. Muitas crianças que aprendem a ler começam a ‘errar’ na cópia. Elas deixam de copiar letra por letra e passam a ler e escrever blocos de palavras, em geral unidades de sentido. Isso faz com que cometam erros de ortografia ou unam palavras. O que indicaria progresso é interpretado como regressão, pois por incrível que pareça, nem sempre o professor sabe a diferença entre copiar e escrever (Weisz, 2009).

Segundo a teoria exposta no livro (Psicogênese da Língua Escrita, 1986). toda criança passa por quatro fases diferentes até que esteja totalmente alfabetizada.

Emília ferreiro elaborou uma coesa sequência de estágios no decorrer de anos de observação e pesquisa sobre o desenvolvimento linguístico infantil.

A elaboração dos níveis mostrou que cada criança tem a sua forma de compreender e aprender a língua escrita, haja visto que, por meio destes níveis o educador pode observar as características construtivistas dessas escritas, e não apenas os aspectos figurativos ou gráficos. Aspectos estes que na escola tradicional são os únicos pontos utilizados para avaliar a escrita infantil, deixando de lado todo o processo construtivo da criança.

Para compreender a psicogênese da língua escrita, é de suma importância conhecer os níveis evolutivos, uma vez que, em todo o seu trabalho, Ferreiro deixa claro que para alcançar o objetivo da alfabetização, o aluno passa por vários níveis, categorias e subníveis.

- Pré-silábica: não consegue estabelecer uma relação das letras com os sons da língua falada;
- Silábica: faz a interpretação da letra de sua maneira, atribuindo valor de sílaba a cada uma;

- Silábico-alfabética: combina a lógica da percepção anterior com a identificação de algumas sílabas;

- Alfabética: domina, enfim, o valor das letras e sílabas.

A caracterização de cada nível não é estanque, dessa forma a criança pode estar em uma determinada hipótese e vir a mesclar conceitos do nível anterior. Essa ‘regressão temporária’ confirma que sua hipótese ainda não está adequada a seus conceitos.

Os níveis intermediários I e II se caracterizam como momentos do processo em que são evidenciadas contradições do nível anterior, e também a desorganização do nível seguinte (conflito cognitivo).

Para a sondagem, se sugere um ditado individual de quatro palavras e uma frase, para assim detectar o nível de conceitualização da criança, de forma a evitar ditar primeiramente o monossílabo. Logo após, o docente necessita pedir que a criança leia que escreveu a fim de compreender como ela lê.

Esta ocasião em que a criança começa a compreensão da pausa melodiosa diante das palavras e sílabas, Teberosky (1985) assenta como ‘hipótese silábica’, aonde vai combinar-se para demonstrar a variação em quantidades de letras que precisam ser escritas.

De acordo com Ferreiro (1985), a escrita deve ser tida como um todo, perdendo uma dessas partes, se perde o sentido, ou seja, não se pode ler algo com apenas uma letra; ela coloca que assim que as crianças aprendem a escrita de seu próprio nome, passam a encontrar o seu nome em qualquer texto, achando isso normal, quando na realidade apenas existe a primeira letra de seu nome. Mais tarde a criança vai associar a escrita segundo a quantidade, ou seja, para cada objeto uma letra, independente de estar escrito certo ou errado, por exemplo.

Segundo Teberosky (1991):

A aprendizagem da escrita não é uma tarefa simples para a criança, já requer um processo complexo de construção em que suas ideias nem sempre coincide com as dos adultos. Para ler bem é preciso escrever bem. É um exercício constante, requer estímulo, requer conhecer o limite de casa um e imprescindivelmente dar sentido ao que está sendo proposto. A sala de aula é um ambiente de troca da qual o professor ensina e é ensinado. (Teberosky 1991).

As crianças precisam escrever continuamente, mesmo quando a escrita ficar assemelhar-se a rabiscos. Quando ela pega o lápis e imita os adultos, ela cria um ‘comportamento escritor’. Bem como se tem contato com textos e tem conhecimento da estrutura deles, podem iniciar a elaboração de seus próprios escritos.

No primeiro instante, se pode trabalhar com as crianças ditando e o docente escrevendo em uma cartolina. Além de pensar na maneira do texto, nesse momento os alunos notam, por exemplo, que escrevemos da esquerda para a direita.

Se o professor não conseguir ter uma visão díspar sobre o que o aluno precisa, com certeza, irá permanecer o encaminhamento dos alunos para consultórios alegando que eles têm esse ou aquele transtorno.

A criança que contiver uma aproximação maior com a escrita vai poder distinguir o desenho da escrita, começando suas primeiras experiências na escrita, com alicerce na forma de traços contínuos, bolinhas, linhas verticais e assim por diante.

Nesse momento significa que ela veio conseguir fazer a distinção da escrita de um desenho, mas ainda não consegue realizar a interpretação, entender e expressar suas ideias usando de forma correta as letras, palavras, frases etc. Sabe-se que a escrita é um meio de comunicação, e a escrita de uma criança só irá tornar-se esse meio, caso o outro conseguir compreender e entender o que ela escreveu, se o outro não compreender e não entender, dessa formar, significa que ela ainda não consegue se comunicar mediante a escrita.

Por fim, para a escrita é necessário conhecimento e entender as letras, saber ordenar as ideias, coordenar a mão, pensamento e visão, entender que para escrever é necessário dar bastante atenção na parte harmônica, na escrita como um todo.

Para apropriar-se da escrita como um todo a criança tem que ter o domínio e a compreensão de seriação, classificação, correspondência de um a um, ter o comando da coordenação motora, agilidade, tendência para movimentos horizontais e verticais, traçado certo das letras, acontecendo dela não ter um dos domínios listados irá ficar difícil conseguir transcrever alguma coisa. Com o letramento vem ainda o rompimento da relação vivente entre o ‘educador ensina e o educando aprende’.

A alfabetização e o uso da leitura estão muito além de leituras que tem o objetivo da assimilação somente o som sem valor de sentido ou interpretação.

A alfabetização no letramento está em explorar a cultura de uma sociedade e tornar essa cultura presente em um registro escrito. “Assim, enquanto a alfabetização se ocupa da aquisição da escrita por um indivíduo ou grupo, o letramento focaliza aspectos sócio-históricos da aquisição de uma sociedade” (Ifouni, 1995p. 20).

Na realidade, não basta apenas ensinar os códigos de leitura e escrita, como fazer a relação de sons e letras. É necessário tornar os educadores capazes de entender o significado dessa aprendizagem, para usá-la no cotidiano de maneira a atender às exigências da própria sociedade.

Dificuldades de aprendizagem e o letramento

Nos dias atuais é bastante comum ouvir de um educador que caso uma criança não tenha obtido os resultados que eram esperados, é porque o mesmo sofre de algum transtorno. Mas será que essas crianças realmente fizeram a utilização de todos os recursos possíveis para conseguirem uma aquisição linguística? Como foi realizada a alfabetização dessa criança?

Todos os questionamentos apontados acima são de extrema relevância, visto que nem tudo é transtorno, nem tudo é dificuldade. Há uma parcela que cabe ao aparelho governamental e à maneira que tal proposta foi constituída e conduzida até o período de chegar à aprendizagem. “Enquanto ainda não sabe ler, leio tudo para as crianças”. (Santos, 2001, p.12).

A alfabetização com a afirmação da frase acima vem do pressuposto de que enquanto a criança não obtiver o domínio da leitura e da escrita, é essencial que o docente conduza a leitura e, conseqüentemente, conduza o educando a criar autonomia para ler de maneira a expandir seus horizontes para a construção do conhecimento. Existem várias técnicas e maneiras de dar início a leitura e a escrita no processo de alfabetização. Mas, vários educadores se mantêm convictos que a alfabetização só acontece mediante a decodificação das famílias silábicas.

O profissional do ensino ao ter o entendimento de que a leitura não é somente algo visual, que visa o entendimento daquilo que foi lido e o que significa para o aluno de acordo com o arcabouço que ele já tem, conseguindo entender melhor o que são as dificuldades de aprendizagem. Em resumo, o letramento pode ser uma ferramenta bastante eficaz para que as crianças superem as dificuldades na leitura e escrita.

Apenas um avanço contínuo no sentido de criar propostas e de pensar na relevância do letramento, vai impedir que a criança chegasse ao 4º ou 5º Ano sem saber ler e escrever. Um ótimo caminho para as crianças que apresentam dificuldade de aprendizagem, seguindo a proposta do letramento, seria uma contemplação delas com aquilo que as mesmas não utilizam dentro de seu meio social. Um exemplo é a inserção em uma comunidade carente de livros, revistas, jornais, materiais impressos variados que será apresentada às crianças onde as mesmas irão fazer uso da que mais se identificam e tem algum sentido pra ela.

Nem toda criança que apresenta dificuldade deve ser tida como uma criança com transtorno de aprendizagem, nem toda dificuldade é apenas responsabilidade da criança, visto que o fracasso escolar e a metodologia arcaica de alfabetização também influenciam para que tal ‘dificuldade’ exista.

POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÕES PARA SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NA LEITURA E ESCRITA

Crianças com dificuldade de aprendizagem não demonstram distúrbios neurológicos, sendo assim, os problemas demonstrados têm caráter provisório e as suas causas podem ser encontradas em várias dimensões do processo de aprendizagem da criança. Estas dimensões são: social, pedagógica, psicoafetiva, psico-cognitiva, orgânica. A dimensão social vem a perpassar as outras, que, por sua vez, vem apresentar pontos de interseção. (WEISS & CRUZ, 2011).

Dessa forma, a dificuldade de aprendizagem sempre deve ser vista na perspectiva da plurianualidade (WEISS, 2009), mesmo que, em uma avaliação psicopedagógica feita por um profissional qualificado, seja possível realizar a identificação de algumas causas principais dentre uma série de fatores que vem consistir em obstáculos ao processo de aprendizagem. Essa avaliação na maioria das vezes não vai ser acessível para todos. No entanto, cabe a escola realizar a avaliação do aluno, entendendo pedagogicamente suas dificuldades e desenvolver estratégias que favoreçam seu processo de aprendizagem.

O interesse do aluno.

De acordo com Fernández (1991), “(...) o pensamento é como uma trama na qual a inteligência seria o fio horizontal e o desejo o vertical. Ao mesmo tempo acontecem a significação simbólica e a capacidade de organização simbólica (p. 67)”. Assim como transtornos de atenção podem ser confundidos com falta de interesse, a recíproca também acontece: o aluno pode estar desatento por desinteresse nas atividades escolares. Esta pode vir a ser motivada por fatores externos ao ambiente da escola, como também por falta de sintonia entre a metodologia usada na escola e a maneira que criança aprende. Este fator é muito comum nesta época, em que os jogos eletrônicos vêm condicionar as crianças à obtenção de respostas rápidas e à satisfação causada pela competitividade.

O processamento de desenvolvimento do escrever: alguns ‘erros’ consistem, na realidade, em características da evolução da escrita. Torna-se relevante analisar como acontecem, há quanto tempo, em quais contextos. O comunicar-se de forma escrita, em seus primeiros estágios de desenvolvimento, tem base na linguagem oral. Isto não vem significar que a escrita seja a transcrição da fala, são sistemas que se diferem, contato a escrita, de início, é marcada por traços da oralidade.

Na fase inicial da aprendizagem da leitura e da escrita, a linguagem oral funciona como apoio, um elo intermediário. É impossível a leitura silenciosa, da mesma forma que é preciso

dizer, simultaneamente, silabando, o que se está escrevendo: a fala orienta a escrita da mesma forma que a fala egocêntrica orienta as ações da criança pequena (CRUZ, 2013, p. 73).

O processo de aprendizagem da matemática, tem complexidade crescente – a definição de conjunto é essencial, a exemplificar, para futuras operações a que vem envolver agrupamento. É possível, portanto, que uma dificuldade na matemática signifique a falta de um prévio conhecimento. Existem casos de dificuldades que puxam mais áreas de conhecimento. Acontece, quando a criança não consegue resolver problemas matemáticos observando que tem dificuldades para interpretar textos. Determinadas estratégias pedagógicas para o favorecimento do processo de aprendizagem dos alunos com dificuldades são:

Desenvolvimento de curtos projetos: tecer a curiosidade dos alunos para algum tópico, ou assunto. Solicitar que realizem pesquisas sobre ele. Laboração de um certo produto com as pesquisas, como exposição ou dramatização;

Deixar o material didático mais acessível: algumas pequenas modificações no material didático podem deixar os textos mais atrativos e também mais fáceis de serem entendidos pelos alunos que apresentam dificuldades, a exemplificar, utilizar fonte 14 sem serifas nos impressos, utilizar gravuras para reforçar o sentido dos textos, separar as informações dos problemas de matemática, apresentando elas em linhas diferentes, ensinar a criança na localização e sublimação das palavras que venham indicar as ações solicitadas nas atividades (como ‘descreva’, ‘envolva’, ‘marque com um X’);

Utilizar material palpável: recursos como o material dourado, blocos lógicos, material divisível, cédulas e moedas de brinquedos vem tornar os conceitos matemáticos mais concretos, vindo a facilitar o processo de aprendizagem;

Diversificar: apresentar o mesmo conteúdo de maneiras diferentes vem favorecer alunos com dificuldade, levando-os à compreensão do conteúdo;

Jogos e atividades lúdicas: “O saber se constrói fazendo próprio o conhecimento do outro, e a operação de fazer próprio o conhecimento do outro só se pode fazer jogando.” (FERNÁNDEZ, 1991, p. 165) Mediante o jogo é possível, ao mesmo tempo despertar o interesse dos alunos, favorecendo também que haja construção de conhecimentos.

As atividades lúdicas podem vir a desenvolver a criatividade, e tornar favorável que os alunos venham estabelecer vínculos positivos com o ambiente e os conteúdos escolares. É imaginável o desenvolvimento de jogos que envolvam várias áreas de conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em concordância com as interpretações feitas, podemos concluir que em termos de aprendizagem e generalização social: os lares tolerantes e democráticos vêm encorajar e recompensar a curiosidade, a exploração e a experimentação, as tentativas para lidar com problemas que aparecem e a expressão de ideias e sentimentos. Uma vez adquiridas e fortalecidas dentro do seio familiar, essas atividades vêm se generalizar na escola.

A educação familiar adequada é feita com amor, paciência e coerência, visto que isso vem desenvolver nos filhos autoconfiança e espontaneidade, favorecendo assim a disposição para aprender. Pode-se destacar que, embora o fator ambiental venha incidir mais sobre os problemas escolares que mesmo sobre os problemas de aprendizagem propriamente ditos, esta variável vem pesar muito sobre a possibilidade de o sujeito compensar ou vir a descompensar o quadro.

Por isso é necessário ao Professor que ele priorize a reflexão e o entendimento dessas crianças, estimulando outros recursos didáticos, algo que venha estimular e motiva-las, proporcionando métodos mais eficientes no processo de alfabetização, conseguindo assim um trabalho que busca alternativa para essas crianças que exibem tais dificuldades no processo de aprendizagem.

Conclui-se que o professor tem que respeitar as dificuldades apresentadas nas crianças, vindo a envolver o não uso de comentários desnecessários sobre os distúrbios que alguns alunos apresentam, respeitando o ritmo da criança e não os colocar em situações de competições com os seus colegas, não envolvê-los em situações que gerem ansiedade, evitar comparações com outros colegas e sempre conversar com o aluno sobre o que acontece com ele. Só nos resta assegurar que: família e escola compõem os recursos em que a criança irá desenvolver-se socialmente, intelectualmente e culturalmente.

REFERÊNCIAS

CRUZ, M.L. R.M da. **Ambiente virtual de aprendizagem para letramento de alunos com deficiência intelectual**. 2013. 246p. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.

FERNANDEZ, A. **A inteligência aprisionada: Abordagem psicopedagógica clínica da criança e sua família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

FERNÁNDEZ, A. *A inteligência aprisionada*. Porto Alegre: Artmed, 1991.

FERRERO, e TEBEROSKY, A *psicogênese da linguagem escrita*. Porto Alegre: Arte Medica 1985.

SOUZA, E. M. *Problemas de aprendizagem – Crianças de 8 a 11 anos*. Bauru: EDUSC, 1996.

STRICK, C. e SMITH, L. **Dificuldades de aprendizagem de A a Z – Um guia completo para pais e educadores**. Porto Alegre: ARTMED, 2001.

SOARES, M. B., Artigo - **Letramento**, 29 de agosto de 2003. Diário do Grande ABC.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

WEISS, M. L. L. **Combatendo o fracasso escolar**. Obstáculos à aprendizagem e ao desenvolvimento da leitura. In WEISS, M. L. L. & WEISS, A. Vencendo as dificuldades de aprendizagem escolar. RJ: Wak, 2009.